

MACHADO DE ASSIS – CRÔNICAS E A MÍDIA DA ÉPOCA: O JORNAL

Marta da Piedade Ferreira (UFMG)¹

RESUMO: Machado de Assis reproduziu em suas crônicas, escritas para diversos jornais, várias passagens da cidade daquela época em meio aos “Barões”, “Duques”, “Altezas”, “ilustres Excelências” e simples transeuntes das ruas cariocas. Ao apresentar temas brasileiros de seu tempo e de sua cidade, o autor destaca o que é do Brasil, reflete sobre os problemas, os costumes, as preocupações, os ideais e muitas dificuldades do povo e, ao mesmo tempo em que imprime, em sua obra, como forma de permanência futura, a cor local e o instinto de nacionalidade, explora, para a disseminação de sua literatura naquele momento, a mídia da época: o jornal.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis – crônicas – mídia – jornal

A palavra jornal tem a sua origem no latim: *diurnale*, que inicialmente significava o mesmo que ‘diário’, jorna, o salário por um dia de trabalho. E do italiano, a palavra *giornale* nos remete a idéia de gazeta diária, de periódico, de um escrito para relatar os fatos diários (FERREIRA, 1986: 991). Praticamente com essa função, o jornal destacou-se no século XIX, como um dos principais veículos de comunicação nos centros urbanos brasileiros mais desenvolvidos.

Foi no jornal, periódico *Marmota Fluminense*, em 21 janeiro de 1855, que Machado de Assis, publica o seu primeiro poema, *Ela*. Continua a colaborar nos jornais cariocas *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Semana Ilustrada* e *Jornal das Famílias* e se sobressai como um cronista da segunda metade do século XIX.

O escritor reproduziu em suas crônicas, escritas para esses jornais, várias passagens da cidade daquela época em meio aos “Barões”, “Duques”, “Altezas”, “ilustres Excelências” e simples transeuntes das ruas cariocas. Ao apresentar temas brasileiros de seu tempo e de sua cidade, o autor destaca o que é do Brasil, reflete sobre os problemas, os costumes, as preocupações, os ideais e muitas dificuldades do povo e, ao mesmo tempo em que imprime, em sua obra, como forma de permanência futura, a cor local e o instinto de nacionalidade, explora, para a disseminação de sua literatura naquele momento, a mídia da época: o jornal.

¹ Mestre em Letras: Literatura e outros Sistemas Semióticos (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2004. Membro do Setor de Mostras do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão “A tela e o texto”, sediado na Faculdade de Letras da UFMG (www.lettras.ufmg.br/atelaetexto).

A palavra mídia não era utilizada, então, naquele tempo, como a conhecemos na atualidade. Mídia refere-se ao “conjunto dos meios de comunicação existentes em uma área, ou disponíveis para uma determinada estratégia de comunicação” (BARBOSA: RABAÇA, 2001: 490).² Lucia Santaella (2002: 50) nos informa que o termo “mídias”, hoje, é empregado comumente, “para se referir a quaisquer meios de comunicação de massa – impressos, visuais, audiovisuais, publicitários – e até mesmo para se referir a aparelhos e programas auxiliares da comunicação”. Esclarece que o termo “mídias”, no final da década de oitenta, surgiu para denominar “o trânsito e hibridismos entre os meios de comunicação que eram acelerados ainda mais pela multiplicação daqueles meios que não podiam ser considerados necessariamente como meios massivos” (SANTAELLA, 2002: 50). É a partir de meados dos anos noventa, até os nossos dias, depois da comunicação mundial através das redes da teleinformática, que se cristalizou de forma geral o uso do termo “mídia”, empregado também para referir-se “a todos os processos de comunicação mediados por computador” (SANTAELLA, 2002: 50).

Assim, o jornal era no Brasil o principal veículo de comunicação do século XIX e início do século XX. Machado de Assis (1957a: 43), na crônica *A reforma pelo jornal*, de 23/10/1859, afirma que o jornal “fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares”. Para ele, o “*fiat humano*”,³ o jornal, como assim o chamou, tendia “à unidade humana, ao abraço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências, de aspirações” (1957a: 43). Machado via o jornal como um veículo de grande importância que tem como principal força a palavra. E sobre tal importância fez uma reflexão:

A história é a crônica da palavra. Moisés, no deserto; Demóstenes, nas guerras helênicas; Cristo, nas sinagogas da Galiléia; Huss, no púlpito cristão; Mirabeau, na tribuna republicana; todas essas bocas eloqüentes, todas essas cabeças salientes do passado, não são senão o *fiat* multiplicado, levantado em todas as *confusões* da humanidade. A história não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro. Ora, pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma.

² De acordo com o *Dicionário de Comunicação*, mídia possui a “grafia aportuguesada da palavra latina *media*, conforme esta é pronunciada em inglês. *Media*, em latim, é plural de *medium*, que significa “meio”. Em publicidade, costuma-se classificar os veículos em duas categorias: mídia impressa (jornal, revista, folheto, *outdoor*, mala direta, *displays*, etc.) e mídia eletrônica (tv, rádio, CD, vídeo, cinema, etc.). Em português, diz-se *mídia*”.

³ A palavra *fiat* origina-se do latim, com o sentido ‘seja’, também quer dizer faça-se e criação. (FERREIRA, 1986: 773)

Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão (1957a: 44).

Para o escritor, o jornal após reproduzir de forma amidiada os fatos sociais, também os introduz na sociedade em todos os segmentos, e pode funcionar como uma comunhão pública, um impulsionador de discussões e reflexões, principalmente nas classes operárias. As palavras de Machado revelam que ele acreditava que após uma discussão refletida proporcionada pelo jornal, poder-se-iam desencadear situações e transformações novas nas classes menos favorecidas, como um braço erguido, um palácio invadido, um sistema derrotado, a implantação de um novo sistema e uma reforma instaurada. Machado confirma o seu pensamento esperançoso nessas transformações com a seguinte afirmação: “Eu creio de coração. Graças a Deus, se há alguma coisa a esperar é das inteligências proletárias, das classes ínfimas; das superiores, não” (1957a: 46).

E no jornal, as crônicas firmam-se como um dos principais registros dos acontecimentos gerais da sociedade.

A origem da crônica é muito antiga. Do grego *chronikós*, relacionado com o tempo – *chrónos*- e pelo latim *chronica*, a palavra crônica, no início da era cristã, representava o registro dos acontecimentos numa seqüência cronológica, sem um aprofundamento ou interpretação sobre os fatos. Após o século XII a crônica passou a servir para narrar os fatos que ocorriam durante alguns reinados. No do século XVI, temos como exemplo da crônica utilizada com o sentido histórico, as *Chronicles of England, Scotland, and Ireland*, de 1577, de Raphael Holinshed, e as *chronicle plays*, algumas das peças de teatro de Shakespeare baseadas em assuntos verídicos. Em 1799, com Julien-Louis Geoffroy, no *Journal de Débats*, em Paris, através dos *feuilletons*, ao fazer a crítica diária da atividade dramática, marca a formação da crônica com um novo aspecto (MOISÉS, 2001: 101-102).

A partir do século XIX, a crônica estabelece-se como um gênero literário, sem uma preocupação historicista, tratando de assuntos do dia-a-dia e fatos que geram as notícias jornalísticas. Desde 1850 que a crônica faz parte do cenário carioca, como um produto genuíno, retratando os fatos do cotidiano com doses de humor, fazendo críticas aos costumes sociais ou comentando fatos políticos.

Na crônica de 30/10/1859, sob o título de “O folhetinista”, Machado de Assis tece considerações sobre essa “nova entidade literária”⁴ (1957a: 33). Para ele, o folhetinista era:

a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. (...) [É o que ocupa na sociedade] o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política. Assim aquinhado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e a *bas-bleus* para aplaudi-lo (1957a: 33-34).

Apesar de todas essas vantagens, o escritor descreve os dias negros da profissão, o dia de escrever, o qual podia ser uma árdua tarefa quando se unia à falta de estímulo e de matéria. Ele ressalta, que para alguns esse argumento não era válido quando se exploravam os assuntos de livros ou escrevia a respeito de colegas, a despeito de poder empobrecê-los. E por outro lado, esclarece que a vida do folhetim era curta, e que a razão e o bom senso podiam levá-lo ao ostracismo moral, a ausência de aplausos e de apoio, como também alguns podiam levantar “o folhetim como a chave de todos os corações, como a foice de todas as reputações indeléveis” (1957a: 35). Concluindo, Machado confirma o seu espírito e estilo nacional, e chama à atenção para a dificuldade do folhetinista de “ficar brasileiro” e aconselha que deveria “tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa (1957a: 36).”

Nas diversas crônicas escritas e publicadas pelo bruxo de Cosme Velho nos jornais, encontramos as mais variadas referências ao cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, a cor local e ao nacional. Ao revisitarmos algumas das crônicas do escritor, nós nos ateremos a alguns desses aspectos, dada a curta extensão desse estudo e a riqueza da sua obra cronística.

Machado de Assis sempre esteve atento às novidades, em todos os aspectos, seja um acontecimento político ou social, uma invenção ou um acidente, informações oficiais ou comentários corriqueiros. Com a sua afirmação na crônica de 16/06/1878 “Venhamos à boa prosa, que é o meu domínio” (1957d: 32) constatamos o seu poder na arte da escrita junto ao leitor, no trânsito pelos assuntos da semana, revistos e comentados nas muitas crônicas

⁴ Denominação dada por Machado ao profissional da nova seção literária.

que escreveu. Lúcia Granja informa que é no texto dominical originário das notícias semanais recapituladas que encontramos “páginas da melhor prosa de Machado” (GRANJA, 2004). E para Maria Rosa Duarte de Oliveira, as estratégias de Machado de Assis foram perceber que ao escrever num jornal teria de apostar no ‘chocho’ e popular, unidos à ironia, ao trocadilho e à fábula de raízes também populares, e principalmente ao diálogo que se mantém com o leitor e o traz para “dentro da cena discursiva, num contato ‘corpo a corpo’ que remonta à tradição oral de uma população quase que totalmente analfabeta” (OLIVEIRA, 2004).

Sobre o analfabetismo, Machado de Assis, na crônica de 15/08/1876 (1957c: 106-108), constata que setenta por cento da população brasileira não sabia ler, de acordo com o recenseamento do Império e comenta que

[a] nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. (...) 70% de cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, - por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado (1957c: 107).

A grande maioria da população que não sabia ler e nem escrever, estava inteiramente à mercê dos acontecimentos, principalmente, dos políticos. Sobre esse fato Machado observa que a opinião pública era uma metáfora sem base, só havia a opinião de 30% da população. Em consequência, mesmo as crônicas sendo textos jornalísticos mais populares, eram lidas apenas por parte da população letrada. Assim sendo, era para esse segmento em particular que o escritor escrevia, como que alertando sobre as necessidades e rumos da nação ou apenas comentando um fato, mas sempre se preocupando em dar a sua opinião sobre os variados assuntos folhetinescos arrolados.

A volta do Imperador e da Imperatriz do Brasil ao país, após dezoito meses ausentes, foi focalizado pelo cronista em 01/10/1877 (1957c: 269-271). Os festejos para receber os “augustos imperadores” representaram, segundo o escritor, a certeza dos sentimentos monárquicos da população e aceitação do representante do império e de sua dinastia. Machado de Assis aproveita do momento para definir as qualidades de um rei, as quais relaciona com aquele imperador:

Não é rei filósofo quem quer. Importa haver recebido da natureza um espírito superior, moderação política e verdadeiro critério para julgar e ponderar as coisas humanas. Sua Majestade possui esses dotes de alta esfera. Nele respeita-se o

príncipe e ama-se o homem, - um homem probo, lhano, instruído, patriota, que soube fazer do sólio uma poltrona, sem lhe diminuir a grandeza e a consideração (1957c: 270).

Outro motivo para a alegria da população e para a crônica de Machado foi o restabelecimento da saúde da Imperatriz. E em fevereiro de 1878, o anúncio do nascimento de um novo príncipe finaliza a crônica (1957c: 319).

Embora acusado por muitos de não se posicionar quanto aos problemas da escravidão, esse assunto de grande importância social, é também discutido por Machado de Assis. Eduardo de Assis Duarte observa que a questão abolicionista, bem antes de ganhar força, já era abordada por Machado e destaca algumas crônicas onde o tema foi explorado. Um exemplo, na crônica de 01/10/1876, Machado, referindo-se à Lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871, comemora os cinco anos de sua vigência e registra:

Deus lhe dê vida e saúde! Esta lei foi um grande passo na nossa vida. Se tivesse vindo uns trinta anos antes estávamos em outras condições. Mas há 30 anos, não veio a lei, mas vinham ainda escravos, por contrabando, e vendiam-se às escâncaras no Valongo. Além da venda, havia o calabouço. Um homem do meu conhecimento suspira pelo azorrague (MACHADO DE ASSIS apud DUARTE, 2007: 31).

Após a Lei da Abolição da Escravatura, na crônica de 19/05/1888, Machado de Assis, satiriza a nova situação do escravo, a de assalariado livre e sem condições de se manter numa vida digna (apud DUARTE, 2007: 51-53). Sobre essa crônica, Eduardo de Assis Duarte comenta:

E ainda no calor dos festejos em que mergulhou a capital, [Machado] publica em 19 de maio a crônica saborosa e pungente do escravo Pancrácio, que é 'libertado' dias antes da lei, sob a condição de continuar servindo e levando pancadas do senhor. Ambos seres ficcionais, reúnem em si elementos de denso realismo: no afã de ser eleito deputado, o senhor alforria o escravo durante um banquete, mas conserva-o sob seu domínio mediante um salário ínfimo (2007: 249).

Duarte destaca a importância de Machado de Assis como um repórter da transição de um regime para outro e que registra uma nova forma de exploração dos negros.

A mulher esteve valorizada nas crônicas de Machado de Assis, em várias oportunidades. Exemplificando, em 21/11/1861, escreve que gostaria de ver uma nação governada por uma mulher. Crê que se todos os cargos fossem ocupados pela “formosa metade da humanidade, o sistema político seria eletivo” (1957a: 71). Para os cargos bastariam as qualidades - a beleza e o espírito - e os homens deveriam apenas votar. Mas,

para aquela época, sabia o escritor que os seus pensamentos eram uma fantasia. No ano de 1877, em 01 de abril, Machado retoma o assunto da mulher na política, agora opinando sobre o direito ao voto feminino, que acrescentaria um elemento estético, onde, para ele, não havia estética (1957c: 207). Na crônica de 30/06/1878 registra o fato de uma senhora ter sido aprovada, na Bahia, em um exame para dentista, como um exemplo de que aos poucos estava acabando a tradição de exclusividade masculina nas profissões (1957d: 63).

As primeiras grandes invenções, base para o desenvolvimento de variados meios de comunicação atuais, fizeram parte das crônicas machadianas.

O escritor observa que fizera justiça a arte moderna daquela época. Na crônica de 07/08/1864 (1957b: 78), marca-se a entrada da primeira máquina fotográfica no Brasil no ano de 1840, com o padre de nome Combes. Informa que na manhã do dia 16 de janeiro daquele ano, o padre reproduziu as três visitas que fizera – o largo do Paço, a praça do mercado e o mosteiro de São Bento. Três dias depois, ele fez nova experiência para a Sua Majestade, D. Pedro II: reproduziu a fachada do paço, de uma das janelas. Diz o cronista:

É isto o que referem as gazetas do tempo. Desde então para cá, isto é, no espaço de vinte quatro anos, a máquina do padre Combes produziu as trinta casas que hoje se contam na capital, destinadas a reproduzir as feições de todos quantos quiserem passar à posteridade... num bilhete de visita. (...) A outra novidade que fui ver à casa do Pacheco, foi um aparelho fotográfico, chegado ultimamente, destinado a reproduzir em ponto grande as fotografias de cartão. Não vi ainda trabalhar esse novo aparelho, mas dizem que produz os melhores resultados. Até onde chegará o aperfeiçoamento do invento do Daguerre? (1957b: 78, 80)

Machado de Assis constata como utilizaram a máquina fotográfica do padre Combes naquele espaço de vinte e quatro anos, além de destacar a chegada de um outro aparelho destinado a reproduzir fotografias de cartão.

Já em 23/06/1878 (1957d: 48), Machado de Assis indaga por que ainda usavam nos cartazes apenas fotografias dos cantores da companhia de ópera Ferrari, pois já havia sido inventada a fonografia, que poderia transmitir as vozes. Constata que as fotografias com aquelas caras não tinham nada a ver com os ouvidos. Um pouco mais adiante comenta sobre o microfone: “um instrumento que dá maior intensidade ao som e permite ouvir, ao longe, muito longe, até o vôo de um mosquito” (1957d: 52).

Sobre o telégrafo, o escritor registrou a sua opinião crítica na crônica datada de 15/08/1877 (1957c: 256). Para ele, o telégrafo poderia dar informações acertadas como

aproximar da verdade. Mas, por causa da notícia que gerou polêmica, sobre a proposta que não houve do governo inglês para o governo brasileiro,⁵ o escritor escreveu que o telégrafo, como um substituto dos correios estava a destinado a perturbar as cabeças humanas: “seu mérito é a rapidez; seu defeito é a concisão e a confusão. Tem obrigação de dizer as coisas por meias palavras, às vezes por sombras de palavra; e o resultado é dizer muitas vezes outra coisa” (1957c: 257). Conclui que não se fiava mais em telegramas e que as notícias deveriam ser consideradas se estivessem bem escritas em prosa.

E muitos outros assuntos importantes sobre o espaço social, os eventos e acontecimentos sociais são registrados freqüentemente nas crônicas machadianas. Podemos enumerar alguns: a nova enfermaria de dosimetria adotada na Sociedade Portuguesa de Beneficência, e os modos de definição de um tratamento, se seria por alopatia ou homeopatia (1957d: 181-184); divertidas regras para o uso do bonde (1957d: 184-192); a lenda sobre o Grito do Ipiranga (1957c: 120-122); a eleição de dois deputados em Corumbá, Mato Grosso, cada um com um voto (1957c: 154-158); a presença da febre amarela causando mortes no Rio de Janeiro (1957c: 322); a morte de uma senhora aos 128 anos, em Cachoeira, na Bahia (1957c: 151-152); a morte de José de Alencar (1957c: 303-304); entre muitos outros temas.

Segundo Leni Nobre de Oliveira (2001; 2006), a crônica vista como gênero híbrido e no limiar entre literatura e jornalismo, tem sido o gênero menos indicado para vestibulares. Embora faça parte da obra de Machado, junto com a sua poesia, formam a produção menos estudada e indicada para vestibular desse cânone, mesmo sendo esse escritor e suas obras, segundo a autora supracitada, os que mereceram maior atenção na lista de todas as obras indicadas pelos vestibulares da UFMG e da PUC-Minas, no período de 1970 a 2006.

As crônicas de Machado adquiriram aspecto histórico de importância para a memória do Rio de Janeiro e do Brasil, contrariamente ao sentido de efêmero que se aplica

⁵ Nessa crônica, Machado informa: “Quando a agência Havas nos disse gravemente que o governo de Inglaterra propusera 4.000 libras para o Ceará, houve pasmo e agradecimento nas fisionomias. O caso era novo; mas os desastres do Ceará são vulgares? Toda a gente fiou-se na palavra da agência, cuja gravidade, veracidade e universalidade são conhecidas. Vai senão quando descobre-se que não houve pedido inglês, de libras inglesas ao parlamento inglês. Era o inverso do nosso adágio. O telegrama era só para *brasileiro ver*.” (MACHADO DE ASSIS, 1957c: 257).

a esse gênero, que deve ser um texto passageiro, com abordagens leves, sem pretensão de ir para o futuro, até mesmo porque o veículo em que era publicada era descartável.

Machado de Assis cronista demonstra que conhece muito bem o lugar social de onde escreve, transmite a realidade em conexão com a ironia e as afirmações contundentes, e principalmente, pintando os seus textos com a nossa cor, com muita brasilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DUARTE, Eduardo de Assis. Posfácio-Estratégias de caramujo. In: MACHADO DE ASSIS, J. A. (1839-1908) *Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo [antologia]* Organização, ensaio e notas: Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2007.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis jornalista, percurso e travessia para o ficcionista. In: *IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC – Travessias*. 19-21, jul. 2004. Porto Alegre/RS. CR-D

MACHADO DE ASSIS, J. A. Instinto de nacionalidade. In: *Crítica Literária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

_____. (1957a). *Chronicas* - 1º vol. (1859-1863) São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores.

_____. (1957b). *Chronicas* - 2º vol. (1864-1867) São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores.

_____. (1957c). *Chronicas* - 3º vol. (1871-1878) São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores.

_____. (1957d). *Chronicas* - 4º vol. (1878-1888) São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores.

_____. (1839-1908) *Crônicas da escravidão*. In: *Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo [antologia]* Organização, ensaio e notas: Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2007.

MOISÉS, M. *A criação literária: prosa II*. 17.ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

OLIVEIRA, Leni Nobre. *O vestibular como espaço de canonização da literatura brasileira*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2001.

OLIVEIRA, Leni Nobre. *Espaços contemporâneos de consagração e disseminação da Literatura Brasileira*. TESE (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. A crônica machadiana no contexto de *Ilustração Brasileira*: ironia, trocadilho e fábula como estratégias de leituras a ‘contrapelo’. In: *IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC – Travessias*. 19-21, jul. 2004. Porto Alegre/RS. CR-D

SANTAELLA, L. Cultura midiática. In: BALOGH, Anna Maria. (Org.). *Mídia, cultura, comunicação*. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2002. p. 47-55.

VERBETES

CRÔNICA. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998. v. 7, p. 1708.

FIAT. In: FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 773.

JORNAL. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998. v. 14, p. 3359.

JORNAL. In: FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 991.

MÍDIA. In: BARBOSA, G.; RABAÇA; C. A. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 1950. Nova Edição revista e atualizada, 2ª tiragem, 2001. p. 490.